

## Mulheres de papel

### Espaço feminino e abolicionismo no romance *A Cabana do Pai Tomás*

#### Resumo

*A Cabana do Pai Tomás*, escrito por Harriet Beecher Stowe, teve grande repercussão nos EUA desde sua publicação, em 1851, principalmente por seu caráter abolicionista. Porém, Stowe também analisa o lugar da mulher na família, na sociedade e no Estado. Nesse estudo, contrastamos os papéis desempenhados por homens e mulheres no romance, através da percepção que a autora/narradora tinha da escravidão. Stowe critica a restrição da mulher à esfera doméstica, argumentando que as mulheres brancas possuem qualidades específicas que as capacitam resolver questões que os homens não conseguem. Assim, o título deste artigo, “Mulheres de papel”, refere-se à nossa percepção da construção de um tipo de mulher ativa como cidadã na obra de Stowe.

**Palavras-chave:** Estados Unidos, gênero, romance, escravidão.

**Title:** Paper Women: Female space and abolitionism in the novel *Uncle Tom's Cabin*

#### Abstract

*Uncle Tom's Cabin*, written by Harriet Beecher Stowe, had a great impact in the U.S.A. since its publication in 1851, mainly for its abolitionist nature. However, Stowe also analyzes the place of women in the society, family and state. In this study, we contrast the roles played by men and women in the novel, by the author/narrator perception of slavery. Stowe criticized the restriction of women to the domestic sphere, arguing that white women possess specific qualities that make them capable of solving issues that men could not. Thus, the title of this article, "Women of paper" refers to a different kind of woman present in Stowe's book, as an active citizen.

**Key-words:** United States, gender, novel, slavery.

## Introdução

Em Brunswick (Maine), no nordeste dos Estados Unidos, Harriet Beecher Stowe (1811-1896) escreveu *A Cabana do Pai Tomás* (*Uncle Tom's Cabin*), que circulou como coluna do jornal *National Era* entre 1851-52. A obra se destacou na imprensa e, em 1852, a empresa John Jewett & Co. publicou a história na forma de livro – com algumas alterações realizadas pela própria autora. Ela discutia a escravidão como ponto central, questionando a legitimidade da instituição para um país que se dizia livre. Sua interpretação da Bíblia também foi fundamental para essa problematização. Não ingenuamente a autora trazia trechos da Declaração da Independência e da Constituição, a fim de evidenciar a ideia de que os fundadores da nação eram contra a escravidão.

Para apresentar a perspectiva crítica da escravidão aos seus leitores, Stowe utilizou a forma do romance, desfrutando de uma construção narrativa pautada num narrador onisciente, estimulando a reflexão de questões problemáticas frente à permanência da instituição na sociedade norte-americana. Essa estratégia possibilitou

construir um universo feminino da casa que estava diretamente ligado ao mundo da escravidão. A autora buscou, em primeiro lugar, aproximar o público branco e religioso do universo emocional dos negros em seus piores momentos e, em segundo plano, desconstruir o lugar da mulher na sociedade.

A escritora trouxe a efervescência de sua época para a obra, que a possibilitou partir de uma discussão já presente naquele período. O filósofo Jacques Rancière aponta que isto é uma característica da literatura, que articula os atos e linguagens disponíveis em seu momento histórico e oferece um sentido para a interpretação da realidade. (RANCIÈRE, 2009). Desta mesma forma, uma leitora do romance, Barbara Bodichon<sup>i</sup>, afirmou ter se aproveitado deste sentido que o romance conferia aos atos e acontecimentos para dar significado à sua própria percepção da vida sulista (MEER, 2005: 03).

A *Cabana do Pai Tomás* atingiu tamanha circulação que, segundo José Victor Malheiros (2005), nas vésperas da Guerra Civil Americana (1861-1865) a escritora havia se tornado a mais famosa do país. O editor do livro investiu enorme esforço para divulgação, através de jornais com sede no Norte – como o *Independent* e o *Liberator*. Estes jornais mantiveram os leitores informados sobre os inúmeros tipos de textos que surgiram em decorrência do romance. Publicaram trechos de comentários de leitores, notícias de respostas pró-escravistas e informações sobre dramatizações do romance. Informavam também sobre as edições estrangeiras e traduções, além de comentários de leitores estrangeiros que foram publicados em jornais ingleses. <sup>ii</sup>Segundo Wendy Hamand (1988: 03), o livro vendeu cerca de três mil cópias no primeiro dia de seu lançamento e ao fim do ano excedeu as 300 mil cópias.

Nossa intenção neste artigo é pensar a construção dos espaços femininos no livro, em sua primeira edição, e, para tanto, será necessário refletir sobre as personagens segundo sua definição racial (brancas, mestiças e negras). Deste modo, será basilar analisar quais espaços são resguardados às mulheres pelos homens, percebendo como o desfecho de suas histórias auxilia a compreender a crítica de Stowe à distribuição dos espaços femininos. O abolicionismo se torna tema recorrente que ampara as principais discussões da construção desses espaços, pois a escravidão é o primeiro elemento a distinguir os personagens segundo seus lugares sociais.

Valemos-nos parcialmente do conceitual teórico que Ian Watt oferece sobre o romance. Segundo o crítico, para que o enredo do romance incorpore percepções individuais da realidade era necessário que o enredo envolvesse pessoas específicas em

circunstâncias particulares (WATT, 2010: 16). Os personagens de *A Cabana do Pai Tomás* possuem vidas bem delimitadas, com características físicas e morais, de modo a possuírem identidade e individualidade, que se ratificam nas diversas circunstâncias em que são colocados a prova. No que diz respeito ao tempo, não há uma delimitação muito específica, contudo, percebe-se que todos os eventos apontam para o mais próximo possível da aprovação da Lei dos Escravos Fugitivos (1850) <sup>iii</sup>.

A fim de compreender a construção do romance nos valeremos também do aporte teórico de Joan Scott, que ressalta a viabilidade de podermos pensar o termo “gênero” como o caráter relacional das definições de feminino e masculino, como apareceu entre as feministas americanas do século XX. Defender essa perspectiva é acreditar que não há possibilidade da existência de “homem” ou “mulher” se não houver algo que se oponha a ele (a), não havendo forma de pensá-los separados, mas somente em relação um com o outro, um construindo a imagem do outro (SCOTT, 1995: 71). Nesse sentido, propomo-nos analisar a criação dos personagens na obra *A Cabana do Pai Tomás*, observando os lugares criados pelos homens para as mulheres; os lugares que as mulheres pretendem ocupar em relação a esse mundo imposto; as percepções da escravidão por estas em oposição às masculinas; e, com isso, pensar o desfecho da história das principais personagens femininas brancas e negras.

Assim, o presente artigo divide-se da seguinte forma: num primeiro momento discutiremos como religiosos se engajaram em movimentos reformistas, destacando, portanto, o Movimento pelos Direitos das mulheres e o antiescravismo, pensando-os como agitações que precediam a escrita de Stowe e que foram importantes para sua própria percepção de mundo. Num segundo momento faremos uma breve apresentação dos personagens, de modo a auxiliar na análise que será feita nos itens seguintes. Posteriormente, pensaremos como foi feita a distribuição dos espaços para as figuras femininas no romance de Stowe. E, num quarto momento, consideraremos como as diferenças raciais participam da composição das histórias distinguindo deveres distintos para as mulheres. Deste modo, não pretendemos realizar um estudo de crítica literária, mas pensar o debate que esta obra conseguiu canalizar, enfim, o seu papel político-social.

Ainda cabe ressaltar que as citações da obra serão traduções da primeira edição do livro *A Cabana do Pai Tomás* feitas pela autora deste artigo, visto que a tradução da obra para o português incorre em constantes dessemelhanças com a versão original. A

versão em inglês seguirá nas notas inseridas ao final deste artigo, para que o leitor possa conferir o trecho original.

## **I. Religião e reformas: Movimento pelos Direitos das mulheres e antiescravidão**

No início do século XIX homens e mulheres, brancos e negros, se mobilizavam reinterpretando os valores morais em busca do que acreditavam ser um “melhoramento do mundo”, ou seja, diversos grupos defendiam que a sociedade necessitava de reformas para que se tornasse melhor, principalmente, para conseguir atingir o reino dos céus. Os membros da família Beecher se dividiram e apoiaram causas diferentes, entre elas destacam-se: a ampliação dos direitos das mulheres, a expansão da educação feminina, a abolição da escravidão, a redução ou proibição do consumo de bebida alcoólica e a expansão do protestantismo para as novas terras do oeste. Os métodos ou justificativas que eram apoiadas em favor destas causas fragmentaram os reformistas em subgrupos independentes, principalmente no que dizia respeito ao radicalismo de suas propostas. Esses novos pensamentos ofereciam novas chaves de compreensão do mundo e da sociedade, misturando política e religião.<sup>iv</sup>

Em contrapartida ao Calvinismo da Velha Escola, e em conformidade com o reavivamento evangélico, os irmãos de Stowe – principalmente Henry Ward Beecher (1813-1887) – ressaltavam a inexistência de uma ordem social fixa, predestinada, estimulando a ideia de que a salvação necessitava de interferência direta no mundo. Assim, insistiram que os crentes precisavam resolver os problemas concretos da política e da moral social. Lyman Beecher, pai de Stowe, foi resistente a tomar partido sobre a causa do abolicionismo revivalista, que possuía forte cunho imediatista – ou seja, exigia o fim imediato da escravidão –, mas muitos de seus filhos abraçaram a doutrina (USRY & KEENER, 1996: 106).

Lyman Beecher era a favor da abolição da escravidão, de forma lenta e gradual, acreditando que o melhor destino dos negros libertos seria enviá-los para a África. Com isso, participou e pregou a favor da Sociedade Americana de Colonização, defendendo que os libertos viviam em situação miserável no país, vítimas da pobreza, ignorância e corrupção moral. E questionava a possibilidade de um futuro digno para os negros na América. Segundo ele, inúmeros fatores poderiam impedir uma aceitação plena dos negros na sociedade, entre eles o mais forte era o preconceito racial dos brancos, que

seria um obstáculo praticamente intransponível. Com tal preconceito, Beecher temia que o aumento da população de cor, sem a melhoria de sua condição social, pudesse gerar rebeliões que exigisse à força este progresso (THOMPSON, 1973: 94-95). Sob tais condições, os libertos eram vistos como uma ameaça à nação.

Stowe compartilhava as ideias colonizacionistas de seu pai. Em *A Cabana do pai Tomás*, o escravo George e sua família seguiram este caminho, acreditando que poderiam levar os conhecimentos religiosos que adquiriram na América para a Libéria. Ela se aproximava de Lyman Beecher neste sentido, mas se distanciou dele ao adotar a doutrina do perfeccionismo cristão, que lhe ofereceu uma chave para sua concepção a respeito da escravidão (HOVET, 1974). Os perfeccionistas afirmavam que todos os males sociais eram atos individuais de egoísmo. Para tanto, o dever do reformador era educar os indivíduos nos modelos considerados de bom comportamento. Acreditavam que as pessoas deveriam ser convertidas e deveriam realizar as condutas corretas para que pudessem formar a sociedade perfeita. Os reformadores realizavam conversões em massa por meios educacionais, buscando o autoaperfeiçoamento individual. E quando um número suficiente de pessoas tivesse “visto a luz”, automaticamente todos os problemas sociais do país seriam resolvidos. (THOMAS, 1965).

Um dos irmãos da autora, George Beecher, se comprometeu tanto com a doutrina do perfeccionismo, que não resistiu à pressão e cometeu suicídio. Depois de sua morte, os irmãos publicaram o ensaio que George já havia escrito, *Views on Christian Perfection*, que incluía uma longa lista do que os cristãos teriam que fazer para serem perfeitos. (MURISON, 2011: 111) A morte de George sacudiu as crenças de Stowe na doutrina (HEDRICK, 1994: 152), mas não a fez abandonar o perfeccionismo. Harriet Beecher compilou um livro de memórias do irmão, com seus sermões e documentos, intitulado *The Biographical Remains of Rev. George Beecher* (1844).

Segundo Célia Maria Marinho de Azevedo, o abolicionismo nos Estados Unidos teria surgido como uma das muitas mobilizações dos movimentos reformistas. Os abolicionistas, antes de lutarem por essa causa, geralmente, haviam se envolvido com outros planos de reforma, como: tentativas de conter a prostituição, distribuição de bíblias, moralização e educação dos pobres, associações para enviar negros para núcleos de colonização na África, etc. Assim, estes indivíduos buscavam a mudança da sociedade em diversos sentidos. (AZEVEDO, 2003: 41-43).

Na defesa da abolição, esses homens e mulheres se sustentavam em argumentos religiosos, de princípios imutáveis. Para tanto, Azevedo ressalta que uma das defesas do

jornal radical *The Liberator*, de William Lloyd Garrison, era que a escravidão era um pecado, já que transformava as pessoas em coisas, transgredindo normas criadas por Deus. (AZEVEDO, 2003: 41-43)

Stanley Harrold, por sua vez, acredita que os movimentos a favor dos direitos das mulheres foi um dos frutos do abolicionismo, pois teria sido a partir dessas sociedades abolicionistas organizadas por mulheres, círculos de costura e campanhas de petição que as irmandades femininas teriam surgido. Desta forma, esses espaços se tornaram profícuos campos de discussão de direitos, servindo como base de experiência das líderes. Afirmavam também a importância do desejo religioso de purificação dos pecados, como tão expresso por Sarah e Angelina Grimké.<sup>v</sup>

Andrea Lisly Gonçalves, assim como Harrold, acredita que o movimento feminista teria surgido dos envolvimento com a causa abolicionista, embora seja muito difícil delimitar uma data precisa para o início do movimento. A historiadora destaca que a reformista Elizabeth Cady Stanton organizou, juntamente a Lucretia Mott, a *Convenção de Sêneca Falls*, que uma corrente da historiografia considera como o marco inicial da luta feminista no mundo ocidental. E, segundo Gonçalves, este evento foi um desdobramento do evento ocorrido em 1840, em Londres, onde estas eram representantes da *Convenção Mundial contra a Escravidão* e foram impedidas de participar dos debates sobre a instituição na América. As americanas poderiam somente assistir às discussões. Assim, depois de quase dez anos, Stanton e Mott organizaram a convenção de 1848. Desta forma, o movimento feminista teria surgido diretamente relacionado à questão abolicionista. (GONÇALVES, 2006: 15-16).

Stowe se envolvia mais diretamente com a questão da escravidão e, ocasionalmente, abordava em suas obras a questão das mulheres, enquanto sua irmã, Catherine Beecher, pregava fervorosamente contra as manifestações públicas das mulheres, defendendo certa desigualdade entre homens e mulheres. Em 1837, Catharine escreveu e publicou *Um Ensaio sobre Escravidão e abolicionismo (An Essay on Slavery and abolitionism)*, criticando a invocação das mulheres dos estados não-escravistas para a causa abolicionista, feita pela sufragista e religiosa Angelina Grimké<sup>vi</sup>. Esta escreveu uma resposta justificando e fortalecendo o pedido, em *Cartas a Catherine E. Beecher em resposta a um Ensaio sobre Escravidão e abolicionismo (Letters to Catherine E. Beecher in reply to An Essay on Slavery and Abolitionism)*.

Stowe conheceu Grimké em 1831, no Seminário Feminino de Hartford. Elas tiveram oportunidade para conversar sobre a Sociedade Religiosa dos Amigos, onde os

membros eram conhecidos como *quakers*. Essa conversa foi a primeira aproximação de Harriet Beecher com o quakerismo, conhecido por ser um espaço fértil das ideias radicais. Diferente das correntes principais das igrejas protestantes, essa Sociedade não era contra a participação das mulheres e suas falas em público, reforçava que homens e mulheres deveriam ter o mesmo tipo de educação. As noções defendidas pela sociedade se tornaram bem aceitas entre os principais abolicionistas e feministas. (HEDRICK, 1994: 65). Stowe inclusive criou um capítulo no romance com destaque para as mulheres *quakers*.

Na década de 1870, a irmã mais nova de Stowe, Isabella Beecher, dedicou-se mais diretamente ao movimento. Em 1871, organizou a convenção anual da Associação Nacional do Sufrágio da Mulher, em Washington DC. Recebeu apoio do marido, John Hooker, e a ajudou a elaborar um projeto de lei apresentado à Assembléia Legislativa de Connecticut, que concederia às mulheres casadas os mesmos direitos de propriedade que seus maridos. A lei foi aprovada em 1877. Anualmente, ela também apresentava um projeto de lei que concederia às mulheres o direito ao voto, embora não tenha conseguido presenciar a aprovação desse direito.<sup>vii</sup>

Na década de 1860, Stowe abordou mais profundamente as questões do sufrágio feminino, porém, acreditamos que na escrita de seu livro mais famoso, *A Cabana do Pai Tomás*, escrito em 1852, a autora já expunha algumas de suas posições a respeito do assunto. Não diríamos que a escritora era uma feminista por excelência, mas sim que ela evidenciou ser possível romper com a imagem unicamente inocente e ingênua das mulheres. Ou melhor, que, mesmo na esfera doméstica, o papel da mulher era, ou deveria ser, plenamente ativo.

Desta forma, não colocaríamos Stowe na mesma categoria das feministas radicais – como Susan B. Anthony, Lucy Stone ou Elizabeth Stanton. Mesmo que compartilhassem algumas ideias em comum, as últimas defendiam a ampliação dos direitos das mulheres de modo mais explícito. Stowe preferiu as formas mais sutis de ratificar as potencialidades das mulheres (fosse como mãe, esposa, irmã; branca ou mestiça). Esta opção, contudo, não implicava distanciamento com as sufragistas. Manteve amizade, por exemplo, com Sojourner Truth, escrevendo o prefácio de uma das edições de *The Narrative of Sojourner Truth*, além de ter escrito *Soujourner Truth, the Libyan Sibyl*<sup>viii</sup> em abril de 1863, no *Atlantic Monthly*.

## II. Apresentação dos personagens

Propomos neste item realizar um breve resumo das histórias narradas no romance de Stowe. Resumir um texto tão denso em ideias e críticas implica numa redução extrema da complexidade que este possui. E o fato de ser uma tradução também acrescenta uma alteração enorme da linguagem de outra época. Assim, o que se segue não pretende ser um substituto à própria obra, mas somente uma forma de direcionar para a discussão que pretendemos focar. Como Carlos Nougé e José Luis Sánches afirmam sobre a tradução do romance *O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha*:

[...] a tradução ideal seria aquela que estivesse para a obra traduzida assim como o vidro está, numa moldura, para um quadro: puro transparência, puro deixar ver a obra traduzida, e portanto puro desaparecer para o leitor a que se dirige. (Nougé & Sánches, 2010: 13)

O romance *A Cabana do Pai Tomás* pode ser dividido em três momentos: 1º) Tom como escravo da família Shelby, em Kentucky; 2º) Tom na casa da família St. Clare, plantador na Louisiana; 3) Tom na plantação de algodão do Sr. Legree, nas margens do Rio Vermelho. Entre as mudanças de casa, Tom passa pelo tráfico interno, o que possibilita a exploração da inconstância da vida dos escravos, cada vez mais distantes de suas famílias e conhecidos. A última morada do negro termina com a morte do mesmo, depois de ser espancado severamente como forma de punição por desacato de uma ordem dada por Legree. E, em paralelo a história de Tom, desenvolve-se as fugas da escrava Elisa, propriedade dos Shelby, e de seu marido George Harris, um escravo alugado, que morava próximo à casa dos Shelby.

A primeira senhora de Tom, Sra. Shelby, foi descrita no romance como bem educada, generosa, com altos princípios morais e religiosos. (STOWE, 1852, vol 1: 26-27). Este perfil se repete na maioria das mulheres brancas: as *quakers*, a Sra. Bird (esposa do senador Bird) e a filha do Sr. St. Clare, chamada Evangeline. Em contraste com estas, o Sr. Shelby e o Sr. St. Clare não possuíam interesses nas questões religiosas, mas se preocupavam com a estabilidade de seus escravos. Eram homens educados, instruídos e bem posicionados economicamente e socialmente.

A Sra. Mary St. Clare era o exato oposto das demais mulheres brancas, pois tinha atitudes egoístas, e sempre alegava estar doente, justificativa que utilizava para não se envolver nos assuntos domésticos e na educação da filha, Evangeline. Assim, a

srta. Ophelia muda-se do norte para o sul, para realizar tais tarefas, que o romance coloca como espaço feminino. A princípio, ela tem muita resistência ao contato físico com os negros, escravos na casa. Ela é contra a escravidão e fortemente religiosa, tais características são apontadas como frequentes no norte e, por isso, a personagem é apresentada como uma representação dessa seção do país. Mesmo que a Sra. Ophelia tivesse esses preconceitos, desenvolveu verdadeiros sentimentos pela escrava Topsy. Assim, pediu a Augustine a posse legal da cativa a fim de levá-la para os “estados livres”, tendo como única intenção salvar a escrava dos danos causados pelos acasos da escravidão.

Uma infinidade de outros personagens circula pelo romance, principalmente negros e negros, seja como mercadorias do comércio interno ou como escravos nas casas dos senhores. Com destaque para os vários casos de separação da família escrava, com mães, pais e filhos vendidos no mercado interno de escravos para, na maioria dos casos, não se encontrarem novamente. Somente os personagens principais conseguem reencontrar suas famílias – com exceção de Tom.

### **III. Lugares e justiça**

Primeiramente, focaremos na personagem branca Sra. Shelby, a primeira senhora de elite que aparece no romance. Esta é o exemplo mais eloquente da posição da mulher enquanto a responsável por cuidar e instruir os escravos – apresentados como naturalmente dependentes dos cuidados dos brancos e carentes de caráter –, educando-os segundo os valores morais e bíblicos. Portanto, sua relação com eles é de muita proximidade e afeto, tratando-os como filhos, ensinando-lhes as mesmas concepções das quais ela acreditava. Assim, ela própria assimila esse dever de ser um exemplo dos valores que pregava. No trecho a seguir temos uma fala da Sra. Shelby ao marido em resposta à notícia de venda do escravo Tomás:

Oh Sr. Shelby! Eu tenho tentado – tentado o mais fielmente, como deveria uma mulher cristã – fazer meu trabalho para essas criaturas pobres, simples e dependentes. Eu tenho cuidado delas, instruindo-as, e conhecendo todos os seus pequenos gostos e alegrias, por anos; e como eu posso manter minha cabeça erguida entre eles se, por um ganho insignificante, nós vendemos uma criatura fiel, excelente e confidente, como o pobre Tom [...]? Eu ensinei-lhes os deveres da

família, de pai e filho, e marido e mulher [...]”<sup>ix</sup> (STOWE, 1852: 57-58).

Nessa citação ressaltamos que a mulher foi apresentada no espaço da casa – assim como todas as mulheres brancas do romance –, e seu papel neste lugar é estendido às cabanas dos escravos. Ela educa seu filho com a mesma atenção que instrui seus escravos. A mulher branca era apresentada como portadora de conhecimentos éticos e religiosos e também como a responsável pela educação dos habitantes da casa, que além de educar os escravos também educava o próprio filho. Portanto, colocada no controle da formação moral destes indivíduos. Esse era um tropo comum nas publicações do período e inclusive de sua irmã, Catharine Beecher.

Destarte, a senhora branca era responsável por oferecer o exemplo aos demais habitantes da casa, ajudando-lhes a moldar seu caráter. Contudo, havia as mulheres que conseguiam realizar plenamente esta função e outras que não atingiam tal meta. Algumas conseguiam ordenar a casa e fazer com que todos desempenhassem as obrigações que lhes fossem dispostas, de modo harmonioso. Desta forma, quando a senhora dispunha das qualidades necessárias, ela exercia uma “boa influência” sobre os seus escravos, gerando pessoas como elas (boas senhoras, bons escravos). Porém, se a senhora não possuía tais atributos, não conseguia ordenar a casa, sendo este o primeiro indício de que era uma má senhora e de que geraria maus escravos. O narrador aponta:

Faz toda a diferença do mundo em servos de estabelecimentos do Sul de acordo com o caráter e a capacidade que as senhoras têm de educá-los.

Sul, bem como ao norte, há mulheres que têm um talento extraordinário para comando e tato na educação.

(...) Tal dona de casa Marie St. Clare não tinha tais habilidades, nem sua mãe antes dela. Indolente e infantil, assistemática e imprevidente, não era de se esperar que homens treinados sob seus cuidados não fossem assim também, e ela tinha [...] o estado de confusão que iria encontrar na família[...].<sup>x</sup>(STOWE, 1852: 296)

Enquanto a Sra. Shelby seria a responsável pela educação e caráter dos residentes, o Sr. Shelby se via como o responsável pela vida financeira da casa, e, por isso, repreendia a esposa quando esta se mostrava interessada em discutir as questões econômicas.<sup>xi</sup> O marido achava que deveria resguardá-la à esfera doméstica, onde sequer realizaria algum tipo de trabalho remunerado. Contudo, no fim do romance, o Sr. Shelby morre e a Sra. Shelby e seu filho ficam responsáveis pela fazenda e demais bens.

Agora, não somente ambos conseguem quitar as dívidas, como também conseguem acumular dinheiro para tentar comprar de volta o escravo Tom, meta que não alcançam porque o escravo já se encontrava em seu leito de morte quando o filho da Sra. Shelby encontra-o na fazenda do Sr. Legree.

Deste modo, configura-se uma crítica de Stowe à ideia de que as mulheres não conseguiriam compreender e cuidar das economias da casa. Estas possuiriam destreza para as questões econômicas e conseguiriam atingir o sucesso em casos que o homem sozinho não conseguiu. E, levando a situação à última instância, se o Sr. Shelby tivesse aceitado a ajuda da esposa desde o início talvez todo o sofrimento do personagem Tom e sua família pudesse ter sido evitado. Assim, Stowe deixou a questão: em que medida a participação ativa das mulheres na política, na legislação e na economia não estava sendo adiada para um momento extremo em que muitas almas já teriam passado por sofrimentos evitáveis?

No capítulo 9, da mesma forma como a Sra. Shelby foi reprimida pelo marido, a Sra. Bird foi censurada nas conversas tidas com seu cônjuge ao tentar discutir assuntos políticos-legislativos – neste caso, a Lei do Escravo Fugitivo. O Sr. Bird era, no romance, um dos senadores que votou a favor da Lei. (capítulo IX). Essa lei foi muito polêmica na época e, provavelmente, a maioria da população já a conhecia. Ela estabelecia que nenhum cidadão poderia oferecer alimento ou abrigo aos escravos fugidos do estado de Kentucky e eram obrigados a denunciá-los e entregá-los à justiça.

xii

A esposa era absolutamente contra tal lei, julgando-a injusta e contra os mandamentos bíblicos. A Sra. Bird ressaltou o mandamento bíblico da obrigação de acolhimento dos famintos, nus e aflitos. A partir deste princípio, a personagem apontava como a lei terrena entrava em conflito com a lei divina, e expressava a incredulidade em uma Assembleia cristã em aprová-la, contrariando os princípios da religião e estabelecendo a “crueldade” e a “injustiça”. Para ela, fazer o recomendado pela Bíblia nunca poderia trazer mal algum a ninguém. Assim, questionava o marido se ele efetivamente conseguiria recusar abrigo e comida a uma pessoa que necessitava de ajuda. E o senador defendeu que, embora fosse algo penoso, ele seria obrigado a agir conforme a lei.

A história se inverteu quando a senhora colocou o senador frente a frente com uma escrava que acabara de fugir com o filho. O senador não conseguiu manter-se nas decisões que havia tomado, acolheu os fugitivos e, ainda, arriscou-se transportando-os

para um lugar seguro. Com este ato, o romance destaca como uma mulher foi capaz de atingir a humanidade que havia dentro do homem, o qual estava se corrompendo pelo sistema, mostrando que “um senador é apenas um homem”, como afirma o título do capítulo (*Onde se vê que um senador não é mais que um homem*).

Aqui percebemos a ideia de que o Estado e suas leis não representavam a sociedade devidamente. Ou seja, uma vez que a escravidão era uma instituição injusta, não haveria lei que a sustentasse, pois a possibilidade de justiça lhe era impossível. Logo, o senador, ao desrespeitar a lei, foi moralmente superior a ela, agindo como um ser humano. Este foi um ponto político muito forte e que foi mote de muitos conflitos na realidade estadunidense: o da desobediência a uma lei considerada injusta ou imoral.

Esta interpretação da desobediência da Lei que justifica atos humanos se assemelha à interpretação feita por Hannah Arendt dos crimes do nacional socialismo, no século XX. Estes foram, na maioria dos casos, justificados pelo fato de terem acontecido dentro de uma ordem legal. Desta forma, Arendt ressaltou “que um governo pode se ver levado a cometer atos que são geralmente considerados crimes, a fim de garantir sua própria sobrevivência e a sobrevivência da legalidade” (ARENDR, 2000: 313), mas, a filósofa defende que isso não tornaria justa a ação dos homens que perpetraram tais concepções. Assim, não existem indivíduos que funcionam apenas como “engrenagens”, pois, na medida em que os perpetraram os crimes, eles reafirmavam a crença na legitimidade e funcionamento de sua transgressão. Nesse sentido, as defesas que se pautam na ideia de conformidade com a norma não significam a justiça de suas condutas, mas somente a legalidade de suas ações.

Segundo o exemplo da Sra. Bird, as mulheres teriam a capacidade de julgar as leis segundo uma visão mais próxima da ideia de justiça, pois seriam mais fiéis aos mandamentos bíblicos. Suas capacidades poderiam auxiliar nas decisões do Estado de modo a ajudar a suprir as necessidades deste, como ela se propunha no capítulo 9. Em um romance posterior de Stowe, *My wife and I* (1871), o personagem Harry relaciona as qualidades específicas das mulheres que poderiam ser usadas em benefício do Estado:

A questão da mulher nos nossos dias [...] é essa. – Deveria a MATERNIDADE ser sempre sentida na administração pública dos assuntos de Estado? O estado não é nada mais do que uma coleção de famílias, e o que for bom ou ruim para a família individual, será bom ou ruim para o Estado. ... O Estado, neste exato dia de hoje, precisa de uma influência como a [...] de nossa mãe [...] – uma influência tranquila, calma, amorosa, purificada, unificadora - ele precisa de uma

economia feminina, administrando e aplicando seus recursos materiais – precisa de uma fonte de profetização, pela qual seções diferentes e raças diferentes podem ser interpretadas umas para as outras, e homogêneas no amor - ele precisa de uma fonte de educação, pelo qual seus filhos imaturos podem ser treinados em virtude - ele precisa de um poder amoroso e redentor, pelo qual seus filhos errantes e criminosos possam ser purificados e levados de volta à virtude.<sup>xiii</sup> (grifo no original) (Stowe, 1871: 35)

Interessante ressaltar que a perspectiva deste personagem partiu da visão da mulher como mãe e, desta esfera, desdobrou-se para o resto do país. Assim como a mãe teria uma função pacificadora e unificadora na família, ela poderia servir ao Estado, visto como uma “coleção de famílias”. Tendo em vista a tensão entre o norte e o sul na década de 1850, que se estendeu no pós-guerra civil, o país necessitava profundamente de uma força pacificadora. Deste modo, a figura materna trazia as qualidades necessárias que, junto à parcimônia dos maridos, seriam aplicadas aos estados. As mulheres ainda teriam a acrescentar a “força educativa” e purificadora, intervindo entre os indivíduos, de modo a redimi-los de seus crimes e trazendo-os novamente para a virtude.

O sentimento de maternidade foi o principal mobilizador das agências da maioria das mulheres do romance, dando-lhes coragem para passar pelos episódios mais sofridos. Elisa fugiu com o filho nos braços, atravessou o rio Ohio pisando sobre blocos de gelo. A Sra. Bird acobertou uma escrava – que fugiu de seu dono para impedir a venda de seu filho –, desrespeitando a lei e a posição do marido, por se identificar com o sentimento de perda de seu próprio filho. E, do lado mais trágico, o mesmo sentimento de maternidade fez muitas personagens preferirem praticar o infanticídio a verem seus filhos crescer e passar pelas mesmas crueldades que a escravidão envolvia.

As senhoras são as personagens que mais se destacam pela preocupação com a justiça no futuro dos escravos – e considerando que o futuro dos escravos também implica no futuro do país, pois o número de escravos no romance é muito maior que o número de brancos livres – as mesmas demonstravam que não estavam alienadas a respeito das questões nacionais. Em diversos momentos, elas tentaram intervir no sentido de garantir a estabilidade da vida dos negros: A Srta. Shelby tentou lutar pela liberdade prometida a Tom; a Srta. Ophelia tentou ganhar a posse legítima da escrava Topsy para poder libertá-la num futuro próximo.

Com isso, o romance reforçava que um branco era capaz, se quisesse e tivesse força de vontade, de salvar uma vida, incapaz de se salvar sozinho, ou seja, de praticar a

justiça e não de se conformar às normas. Deste modo, a Srta. Ophelia se colocava como o exemplo da tentativa de garantir a vida de ao menos uma escrava, salvando-a fisicamente da escravidão e espiritualmente com os ensinamentos bíblicos, servindo de modelo contra o racismo nortista. Enfim, era mais uma chamada clara aos brancos dos EUA a cuidarem dos – ou tutelarem os – negros, na mesma noção da agência dos homens do movimento revivalista.

#### **IV. Diferenças entre brancas e negras**

Stowe não deixou de destacar as diferenças entre mulheres brancas e negras. Mesmo que as brancas fossem instruídas o suficiente para gerir uma casa e capazes de tomar decisões muitas vezes mais sábias que os homens, a relação de raça foi colocada de modo ainda a subsidiar a ideia de trabalhos distintos segundo a cor da pele. As mulheres brancas poderiam ser úteis para as discussões políticas e de conhecimento, porém, no que tangia a trabalhos manuais e remunerados, Stowe foi mais restritiva. Em mais de um momento, o trabalho feminino foi apresentado como atividade que rebaixava a mulher branca, mas não degradava as negras.

No capítulo 4, a Sra. Shelby se aventura na cozinha de sua casa, junto à escrava Chloe, tentando fazer folhados. Impaciente, a negra ressalta para a senhora as características físicas que as distingue de modo a justificar uma delimitação de ofícios criada por Deus: as mãos brancas e delicadas da senhora seriam perfeitas para enfeitar a sala, enquanto as mãos “negras e fortes” da escrava teriam sido criadas para amassar folhados.<sup>xiv</sup>

Em um segundo momento, no capítulo 21, a Sra. Shelby se propõe a dar aulas de música a fim de arrecadar dinheiro para comprar o escravo Tom novamente. E seu marido se recusa veementemente, com o argumento de que isso a degradaria. Vendo a resposta do senhor, Chloe se propõe a trabalhar como escrava de aluguel em outra cidade para arrecadar o dinheiro. De modo incisivo, afirma: “Eu não quero saber da Senhora dando aulas, nem nada. O mestre está correto no que diz [...]. Espero que nenhum membro de nossa família tenha que fazer isso, enquanto eu tiver mãos.”<sup>xv</sup> (STOWE, vol. 2, 1852: 59). Ou seja, a escrava julgava que o senhor estava certo ao distinguir ofícios segundo raças e que, enquanto estivesse fisicamente capacitada, ninguém da família precisaria trabalhar. E, assim, até mesmos as escravas acreditavam

que o trabalho era degradante somente para a mulher branca, mas não o era para as negras.

Destacamos que com a defesa do trabalho dos negros e a crítica do trabalho remunerado dos brancos não há uma defesa sólida da escravidão. Existe uma legitimação da escravidão somente nos casos em que o senhor trata bem o escravo, suprimindo suas necessidades e não explorando em demasia seus esforços. Desta forma, é possível que a escrava Elisa acredite ser justa a obediência a seus senhores sob a justificativa de seu marido: “[os seus senhores] te alimentam, te vestem; deram-lhe uma boa educação e podem pretender ter alguns direitos sobre você.”<sup>xvi</sup> (STOWE, vol. 1 1852: 35). Portanto, a escravidão é legítima enquanto existe essa estabilidade, mas, a partir do momento em que a união de sua família é ameaçada, ela se torna ilegítima.

Pensando que tanto Chloe quanto Elisa são escravas instruídas e conhecedoras da Bíblia, confirma-se a hipótese de que com a educação há uma assimilação da subordinação do cativo aos seus senhores, ao mesmo tempo em que aprendem que os negros são os indivíduos que devem realizar serviços e não os brancos.

Outro destino reconhecido pelo romance é o papel destas mulheres em auxiliar na cristianização das áreas colonizadas na Libéria, recarregando as forças e a crença dos homens no Evangelho e na missão de Deus para os convertidos. Nas palavras de George, marido de Elisa:

Confesso que, por vezes, as forças têm me abandonado; mas eu tenho um pregador eloquente do Evangelho sempre ao meu lado, na pessoa de minha linda esposa. Quando eu ando, seu espírito gentil sempre me restaura, e mantém diante dos meus olhos o chamado cristão e a missão da nossa raça.<sup>xvii</sup> (STOWE, 1852, volume 2: 304)

As mulheres negras estavam sujeitas a um perigo que as brancas não sofriam, pois era próprio da escravidão: a exploração de sua sensualidade pelos senhores. Stowe aborda o tema de modo a canalizar para a questão moral e as decorrências destas relações, mas não a relação em si. No caso de Cassy, por exemplo, a época que recebia presentes de seu senhor foi o momento que relatou com mais angústia. Assim, cabe pensar a análise feita por Helloisa Toller Gomes da história da personagem. Para Gomes, a escrava foi pensada dentro das normas morais do abolicionismo norte-americano. Logo, ao se retratarem as relações sexuais entre escrava e senhor, deslocavam-se as atenções para os presentes recebidos, em vez da sensualidade. Dessa forma, a mulata aparece apenas como uma cortesã. (GOMES, 2009: 175).

Gomes ainda não explora a complexidade desta personagem, deixando de perceber o contexto maior que Stowe abarcou. Acreditamos que esses jogos de perspectivas da relação sexual criados por Stowe se fecham apenas com o fim da história da personagem. Cassy foi criada e educada com opulência, instruída em convento, com inúmeros cuidados. Era filha de uma escrava com um homem livre, que morreu endividado. O pai nunca havia lhe dado oficialmente a alforria e, assim, ela foi incluída no inventário. Passou por muitos donos. Teve dois filhos, que foram vendidos e um que foi morto por ela, para que não tivesse que viver tão penosamente como escravo. Desta forma, é o exemplo mais eloquente da instabilidade da escravidão e da força da maternidade que aguenta as maiores brutalidades; que poderia perder o caminho moralmente correto, mas que Deus amparava nas piores ocasiões. Sendo que, no fim, foge do cativo e consegue reencontrar a filha e restituir a família separada pelas dificuldades do período de provação.

Desta forma, destacamos que Stowe conseguiu construir uma realidade complexa, povoada de homens e mulheres diversos. As relações que estes estabeleciam entre si estimulava a criação de espaços para negros diferentes dos espaços dos brancos. Mesmo que permeado por preconceitos, Stowe propunha uma alteração da lógica social que permitisse maiores direitos às mulheres, o que, de certo modo, rompesse com valores tradicionais, mas que, nesse caso valorizou as brancas, em detrimento das negras. Ela reconheceu a força de agência que as últimas possuíam sobre os maridos, os filhos e seu próprio futuro, mas ainda em uma esfera diferente da dos brancos.

### **Considerações finais**

No romance, as mulheres brancas, em geral, eram as mais críticas e possuíam uma posição mais sólida em relação à escravidão do que os homens. Ao longo do romance, elas demonstravam uma forte vontade de participar ativamente da vida política do país e da vida administrativa do meio doméstico. Elas, além de serem as mais conscientizadas das consequências da escravidão, eram muito perspicazes nas questões financeiras. Essas características reforçavam as potencialidades destas em auxiliar nas decisões exteriores à gerência dos lares.

Com isso, acreditamos que Stowe, em *A Cabana do pai Tomas*, já expunha algumas de suas posições a respeito de um alargamento dos espaços resguardados às mulheres na sociedade oitocentista. Stowe representou as mulheres com as emoções e sentimentos acentuados não porque pretendia fortalecer suas imagens enquanto irracionais ou majoritariamente presas ao lar. Pelo contrário, as qualidades domésticas e emocionais seriam fundamentais para gerir não só a casa, mas também o Estado de forma justa. Nesse sentido, as mulheres contribuiriam imensamente para a nação justamente por trazer esses elementos que a autora julgava em falta na política e na legislação do período. Deste modo, trariam a chave para a re-humanização dos homens que estavam imersos no sistema escravista, pensando que não havia mais formas de lutar contra a instituição e suas violências.

Portanto, acreditamos que Stowe não sugeria uma superioridade feminina, mas uma diferença das habilidades das mulheres brancas em relação aos homens brancos, que poderiam complementar os atributos masculinos, crendo assim que, em conjunto, poderiam gerir melhor todas as esferas da vida, políticas, legislativas ou financeiras. Assim, reforçava a ideia de que a união da família possuiria um potencial maior do que o potencial da hierarquização de indivíduos dentro do lar ou do Estado.

Segundo Margaret Wyman, Stowe não teria se aproximado da vertente mais imediatista do movimento reformista feminino por causa da grande polêmica do caso da sufragista Victoria Woodhull, que foi muito criticada por seus contemporâneos nos Estados Unidos por sua vida privada, suas maneiras e ideias e, em especial, pelo fato de morar com dois maridos na mesma casa (WYMAN, 1952: 386). Henry Beecher, irmão de Stowe, fez críticas públicas às propostas feministas de Woodhull referentes às defesas do movimento “Amor livre” – que criticava o casamento sem amor (SHAFFER, 2013). Posteriormente, a sufragista descobriu que Henry Beecher traía a esposa, Eunice Beecher, com Elizabeth Tilton, também casada. (D'EMILIO & FREEDMAN, 1998: 163). E, em 1872, a sufragista publicou o escândalo em uma coluna do *Woodhull and Claflin's Weekly*, de 2 de Novembro de 1872. O que fez com que Stowe passasse a publicar imagens negativas do movimento e das reformistas, sendo, por isso, ocasionalmente chamada de “inimiga do movimento feminista” (LEBEDUN, 1974: 361-362).

Em 1871, Stowe já havia apontado uma forte crítica ao movimento feminista e às sufragistas, em alguns trechos de *My wife and I*. Através das palavras da personagem Ida, coloca algumas considerações. Portanto, é difícil ligar a resistência da religiosa com

o movimento unicamente pelo evento ocorrido entre Woodhull e Henry Beecher. Confira a fala de Ida sobre o movimento:

[...] esse tipo de procedimento [...] tende a ferir diretamente todas as mulheres que estão tentando ser auto-suficientes e independentes. Destrói a delicadeza e refinamento do sentimento que os homens e, especialmente, os homens norte-americanos valorizam em relação às mulheres, e tornarão os caminhos de auto-sustentação terrivelmente difíceis para aquelas que têm de pisá-los. [...] Mesmo que suponha que a sociedade atual esteja tão alterada a ponto de dar a mulher cada direito social legal iguais aos que o homem tem, [...], ainda assim, as mulheres serão relativamente mais fracas do que os homens, e não serão tratadas com a mesma consideração, delicadeza e suavidade que são agora. E os pressupostos destas moças turbulentas e suas intimidações têm uma tendência a destruir esse sentimento de cavalheirismo e delicadeza por parte dos homens.<sup>xviii</sup> (STOWE, 1871: 233-234)

Apesar dessas críticas, o pesquisador Eileen Elrod aponta que em produções posteriores de Stowe, especificamente nos trabalhos religiosos não-ficcionais – como *Woman in Sacred History* (1873) e *Footsteps of the Master* (1877) – a autora reinterpretou as leituras bíblicas feitas pelo pai e pelos irmãos, transformando a feminilidade e a maternidade no cerne da história judaico-cristã. Colocou as mulheres como principais responsáveis pela moral e virtude do marido e dos filhos. (ELROD, 1995: 698). Começou a reinterpretar os princípios bíblicos para justificar a igualdade entre os sexos, defendendo que as relações igualitárias de Jesus com as mulheres eram responsáveis por provar sua divindade (ELROD, 1995: 705). Portanto, explicita a importância destas na construção moral da casa e, por projeção, do Estado, pois via este como um conjunto de famílias.

Acreditamos que Stowe fez uma interpretação que valorizava as qualidades femininas no sentido de induzir um maior respeito pelas mulheres. Porém, as tensões que perpassavam a família Beecher em relação às sufragistas – além da posição já arreada do pai e de Catharine em relação à causa – também tiveram impacto sob as ações de Stowe, no sentido de reprimir seu envolvimento e apoio direto ao movimento. Acreditamos que principalmente por estes fatos, não vemos Stowe convocando os leitores para a necessidade de conceder direitos oficiais às mulheres, mas sim desconstruindo as reivindicações do Movimento pelos Direitos das Mulheres e pensando até onde iam as potencialidades das mulheres.

### Referências bibliográficas

ARENDDT, Pós-escrito. *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil: uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003.

BROWNE, Stephen H.. *Angelina Grimké: rhetoric, identity, and the radical imagination*. Michigan State University Press, 1999.

D'EMILIO, John & FREEDMAN Estelle B. *Intimate Matters: A History of Sexuality in America*. University of Chicago Press, 1998.

DURSO, Pamela R. *The Power of Woman: The Life and Writings of Sarah Moore Grimké*. Mercer University Press, 2004.

ELROD, Eileen Razzari. "Exactly like My Father": Feminist Hermeneutics in Harriet Beecher Stowe's Non-Fiction. In: *Journal of the American Academy of Religion*. Oxford University Press. v. 63, nº 4, pp. 695-719, 1995. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1465465>. Acesso em: 03/02/2011.

GOMES, Heloisa Toller. *As Marcas da Escravidão: O negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HAMAND, Wendy F. No Voice from England: Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. In: *The New England Quarterly*, v. 61, nº 1, pp. 3-24, 1988. IN: <http://www.jstor.org/stable/365218>. Acesso em: 10/11/2010.

HEDRICK, Joan D.. *Harriet Beecher Stowe: A Life*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1994.

HERSTEIN, Sheila R.. *A mid-Victorian feminist, Barbara Leigh Smith Bodichon*. New Haven: Yale University Press, 1985.

HIRSCH, Pamela. *Barbara Leigh Smith Bodichon: Feminist, Artist and Rebel*. Londres: Chatto & Windus, 1998.

\_\_\_\_\_. Introduction. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. New York: Oxford University Press, 1999.

HOVET, Theodore R.. Christian Revolution: Harriet Beecher Stowe's Response to Slavery and the Civil War. In: *The New England Quarterly*, v. 47, nº 4, pp. 535-549, 1974. IN: <http://www.jstor.org/stable/364449>. Acesso em: 03/02/2011.

KLEINBERG, S. J.. *Women in the United States, 1830-1945*. Ed. Rutgers University Press, 1999.

LE BEAUS, Bryan F. Review: She told the story, and the whole Word wept. In: *American Quarterly*. The Johns Hopkins University Press, v. 38, nº 4, pp. 668-674, 1986. IN: <http://www.jstor.org/stable/2712701>. Acesso em: 03/02/2011.

LEBEDUN, Jean. Harriet Beecher Stowe's Interest in Sojourner Truth, Black Feminist. In: *American Literature*. Duke University Press. v. 46, nº 3, pp. 359-363, 1974. IN: <http://www.jstor.org/stable/2924416>. Acesso em: 10/11/2010.

LERNER, Gerda. *The Grimke Sisters from South Carolina: Pioneers for Women's Rights and Abolition*. A University of North Carolina Press, 2009.

LINGWOOD, Stephen. *The Unitarian Life: Voices from the Past and Present*. Londres: Lindsey Press, 2008.

MALHEIROS, José Victor. *O livro que levou ao fim da escravatura americana, de Harriet Beecher Stowe*. In: Coleção Geração: Livros que ajudam a crescer. , s/ página 2005. IN: <http://static.publico.clix.pt/sites/colecaojuvenil/livros/33.cabanapaitomas/texto3.htm>. Acesso em: 30/04/2010.

McPHERSON, Stephanie Sammartino. *Sisters Against Slavery: A Story about Sarah and Angelina Grimke (Creative Minds Biography)*. Carolrhoda Books, 1999.

MATHEWS, Donald G.. The Methodist Mission to the Slaves, 1829-1844. In: *The Journal of American History*. Organization of American Historians, v. 51, nº 4, pp. 615-631, 1965. IN: <http://www.jstor.org/stable/1889804>. Acesso em: 11/02/2011.

MURISON, Justine S.. *The Politics of Anxiety in Nineteenth-Century American Literature*. Cambridge University Press, 2011.

MORGAN, Jo-Ann. Mammy the Huckster: Sellign the old South for the New Century. *American Art*, v. 9, nº 1, pp. 86-109, 1995. IN: <http://www.jstor.org/stable/3109197>. Acesso em: 10/11/2010.

NOUGUÉ, Carlos & SÁNCHEZ, José Luis. Nota dos tradutores. In: CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha*. São Paulo: Abril, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

SCOTT, J.. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, p. 71–99, 1995. IN: [http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html). Acesso em: 20/04/2011.

SELLERS, Charles. MAY, Henry. McMILLEN, Neil. *Uma Reavaliação da história dos Estados Unidos: De Colônia a Potência Imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

SHAFFER, Andrew. *Os grandes Filósofos que fracassaram no Amor*. Leya, 2013.

STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin, or, life among the lowly*. London: George Routledge & Co., 1852. Disponível em: <http://utc.iath.virginia.edu/uncletom/uthp.html>. Acessado em: 15-10-2012.

\_\_\_\_\_. The Chimney-Corner. In: *Atlantic Monthly*, xvi, nº 98, December, 1865. Disponível em: [http://www.gutenberg.org/files/33009/33009-h/33009-h.htm#THE\\_CHIMNEY-CORNER](http://www.gutenberg.org/files/33009/33009-h/33009-h.htm#THE_CHIMNEY-CORNER). Acesso em: 24-10-2012.

\_\_\_\_\_. *My wife and I*. London: Sampson Low, Marston, Low & Searle, 1871.

\_\_\_\_\_. *Soujourner Truth, the Libyan Sibyl*. *Atlantic Monthly* 11 (april 1863). Disponível em: <http://etext.lib.virginia.edu/etcbin/toccer-new?id=StoSojo.sgm&images=images/modeng&data=/texts/english/modeng/parsed&ag=public&part=1&division=div1>. Acesso em: 12/09/2012.

THOMPSON Jr., J. Earl. Lyman Beecher's Long Road to Conservative Abolitionism. In: *Church History*, Vol. 42, No. 1 (Mar., 1973), pp. 89-109. Published by: Cambridge

University Press on behalf of the American Society of Church History. IN: <http://www.jstor.org/stable/3165048>. Acesso em: 03/09/2013.

TODRAS, Ellen H. *Angelina Grimké: voice of abolition*. Linnet, 1999; LERNER, Gerda. *The Grimke Sisters from South Carolina: Pioneers for Women's Rights and Abolition*. Univ of North Carolina Press, 2009.

UNITED STATES OF AMERICA. Fugitive Slave Act, 1850. Disponível em: <http://www.nationalcenter.org/FugitiveSlaveAct.html>. Acesso em: 19-09-2013.

WYMAN, Margaret. Harriet Beecher Stowe's Topical Novel on Woman Suffrage. In: *New England Quarterly*, v. 25, nº 3, pp. 383-391, 1952.

---

<sup>i</sup> Barbara Bodichon era inglesa e se envolveu com a expansão da educação, o movimento sufragista e as lutas pelos direitos das mulheres. Ver mais em: HERSTEIN, Sheila R.. *A mid-Victorian feminist, Barbara Leigh Smith Bodichon*. New Haven: Yale University Press, 1985; HIRSCH, Pamela. *Barbara Leigh Smith Bodichon: Feminist, Artist and Rebel*. Londres: Chatto & Windus, 1998; LINGWOOD, Stephen. *The Unitarian Life: Voices from the Past and Present*. Londres: Lindsey Press, 2008.

<sup>ii</sup> O arquivo digital *Uncle Tom's Cabin and American Culture* disponibiliza as notícias publicadas sobre *A Cabana do Pai Tomás* nos Estados Unidos e algumas das publicadas na Inglaterra. (In: <http://utc.iath.virginia.edu>. Acesso em: 08-01-2014).

<sup>iii</sup> Essa lei proibia o acolhimento ou auxílio aos escravos fugidos de Kentucky, e permitia que os proprietários de escravos fizessem a busca e captura dos mesmos em qualquer território dos Estados Unidos, incluindo os estados onde a escravidão era proibida. Determinando que o governo deveria oferecer comissários destinados a auxiliar as buscas, e os cidadãos que desrespeitassem as determinações seriam submetidos a multas severas. (UNITED STATES OF AMERICA. Fugitive Slave Act, 1850. Disponível em: <http://www.nationalcenter.org/FugitiveSlaveAct.html>. Acesso em: 19-09-2013).

<sup>iv</sup> Ver mais em: SELLERS, Charles. MAY, Henry. McMILLEN, Neil. *Uma Reavaliação da história dos Estados Unidos: De Colônia a Potência Imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990; THOMPSON Jr., J. Earl. Lyman Beecher's Long Road to Conservative Abolitionism. In: *Church History*, Vol. 42, No. 1 (Mar., 1973), pp. 89-109. Published by: Cambridge University Press on behalf of the American Society of Church History. IN: <http://www.jstor.org/stable/3165048>. Acessado em: 03/09/2013.

<sup>v</sup> Sarah e Angelina Grimké eram irmãs, oriundas da Carolina do Sul, que foram para o Norte para lutar pela causa escravista. Contudo, seus posicionamentos públicos foram, constantemente, interrompidos por plateias que não aceitavam a ideia de mulheres desenvolvendo tais papéis. Assim, passaram também a lutar pelos direitos das mulheres, trazendo princípios religiosos para justificar a necessidade de reformas sociais. Angelina Grimké escreveu *Appeal to the Christian Women of the South* (1836), que chamava as mulheres sulistas para lutar pela causa abolicionista. Em 1837, Sarah Grimké escreveu e *Letters on the Equality of the Sexes*, defendendo os direitos femininos em esfera pública, pensando a condição das mulheres nos EUA e criticando as visões das mulheres como puros objetos. Ver também: DURSO, Pamela R. *The Power of Woman: The Life and Writings of Sarah Moore Grimké*.

---

Mercer University Press, 2004; LERNER, Gerda. *The Grimke Sisters from South Carolina: Pioneers for Women's Rights and Abolition*. A University of North Carolina Press, 2009; McPHERSON, Stephanie Sammartino. *Sisters Against Slavery: A Story about Sarah and Angelina Grimke (Creative Minds Biography)*. Carolrhoda Books, 1999.

<sup>vi</sup> Angelina Grimké lutava pela abolição da escravidão e pelos direitos das mulheres, é considerada uma ativista política radical pela historiografia. (ver mais em: BROWNE, Stephen H. *Angelina Grimké: rhetoric, identity, and the radical imagination*. Michigan State University Press, 1999; TODRAS, Ellen H. *Angelina Grimké: voice of abolition*. Linnet, 1999; LERNER, Gerda. *The Grimke Sisters from South Carolina: Pioneers for Women's Rights and Abolition*. Univ of North Carolina Press, 2009.)

<sup>vii</sup> Beecher Family. In: HARRIET BEECHER STOWE CENTER. 77 Forest Street | Hartford. In: [http://www.harrietbeecherstowecenter.org/hbs/beecher\\_family.shtml](http://www.harrietbeecherstowecenter.org/hbs/beecher_family.shtml). Acesso em: 08-01-2014.

<sup>viii</sup> STOWE, Harriet Beecher. *Soujourner Truth, the Libyan Sibyl*. Atlantic Monthly 11 (april 1863). Disponível em: <http://etext.lib.virginia.edu/etcbin/toccer-new2?id=StoSojo.sgm&images=images/modeng&data=/texts/english/modeng/parsed&tag=publ ic&part=1&division=div1>. Acesso em: 12/09/2012.

<sup>ix</sup> O, Mr. Shelby, I have tried — tried most faithfully, as a Christian woman should—to do my duty to these poor, simple, dependent creatures. I have cared for them, instructed them, watched over them, and known all their little cares and joys, for years; and how can I ever hold up my head again among them, if, for the sake of a little paltry gain, we sell such a faithful, excellent, confiding creature as poor Tom [...]? I have taught them the duties of the family, of parent and child, and husband and wife [...].

<sup>x</sup> There is all the difference in the world in the servants of Southern establishments, according to the character and capacity of the mistresses who have brought them up.

South as well as north, there are women who have an extraordinary talent for command, and tact in educating.

(...)Such a housekeeper Marie St. Clare was not, nor her mother before her. Indolent and childish, unsystematic and improvident, it was not to be expected that servants trained under her care should not be so likewise; and she had [...] the state of confusion she would find in the family[...].

<sup>xi</sup> "O, ridiculous, Emily! You are the finest woman in Kentucky; but still you haven't sense to know that you don't understand business;—women never do, and never can."

"But, at least," said Mrs. Shelby, "could not you give me some little insight into yours; a list of all your debts, at least, and of all that is owed to you, and let me try and see if I can't help you to economize."

"O, bother! don't plague me, Emily!—I can't tell exactly. I know somewhere about what things are likely to be; but there's no trimming and squaring my affairs (...). You don't know anything about business, I tell you."

And Mr. Shelby, not knowing any other way of enforcing his ideas, raised his voice,—a mode of arguing very convenient and convincing, when a gentleman is discussing matters of business with his wife. (STOWE, 1852: 55)

<sup>xii</sup> UNITED STATES OF AMERICA. Fugitive Slave Act, 1850. Disponível em: <http://www.nationalcenter.org/FugitiveSlaveAct.html>. Acesso em: 19-09-2013.

<sup>xiii</sup> The woman question of our day [...] is this. - Shall MOTHERHOOD ever be felt in the public administration of the affairs of state? The state is nothing more nor less than a collection of families, and what would be good or bad for the individual family, would be good or bad for the state. ... The state, at this very day, needs an influence [...] our mother's [...] - an influence quiet, calm, warming, purifying, uniting-it needs a womanly economy and thrift in husbanding and applying its material resources - it needs a divining power, by which different sections and different races can be interpreted to each other, and blended together in love - it needs an educating power, by which its immature children may be trained in virtue - it needs a loving and redeeming power, by which its erring and criminal children may be borne with, purified, and led back to virtue. (grifo do original)

<sup>xiv</sup> I, 'Now, Missis, do jist look at dem beautiful white hands o' yourn with long fingers, and all a sparkling with rings, like my white lilies when de dew 's on 'em; and look at my great black stumpin hands. Now, don't ye think dat de Lord must have meant *me* to make de pie-crust, and you to stay in de parlor?' (STOWE, 1852: 46)

<sup>xv</sup> "I wouldn't hear to Missis' givin lessons nor nothin. Mas'r's quite right in dat ar [...]. I hope none our family ever be brought to dat ar, while I 's got hands."

<sup>xvi</sup> "fed you, clothed you, indulged you, and taught you, so that you have a good education; that is some reason why they should claim you."

<sup>xvii</sup> In myself, I confess, I am feeble for this, - [...] but I have an eloquent preacher of the Gospel ever by my side, in the person of my beautiful wife. When I wander, her gentler spirit ever restores me, and keeps before my eyes the Christian calling and mission of our race.

<sup>xviii</sup> "[...] this sort of proceeding [...] tends directly to injure all women who are trying to be self-supporting and independent. It destroys that delicacy and refinement of feeling which men, and American men especially, cherish toward women, and will make the paths of self-support terribly hard to those who have to tread them. [...]. Even if we supposed that society were so altered as to give to woman every legal and every social right that man has[...] still, women will be relatively weaker than men, and there will be the same propriety in their being treated with consideration and delicacy and gentleness that there now is. And the assumptions of these hoydens and bullies have a tendency to destroy that feeling of chivalry and delicacy on the part of men.